

EDITORIAL

Cada novo volume da Polissema é um olhar lançado ao horizonte; este que hoje apresentamos, onde se reflete sobre questões tão próximas e tão diferenciadas — a tradução, a terminologia, as práticas técnicas e literárias da linguagem verbal ou a aplicação semiótica aos novos modos de criação audiovisual —, continua a trilhar um caminho aberto há mais de uma década e que, contudo, nos tem conduzido a destinos sempre novos ou renovados: as múltiplas virtualidades polissémicas da linguagem humana, que são a matéria de que se fazem os nossos sonhos e as nossas reflexões.

Ao mesmo tempo, esta percepção do ponto a que chegámos mantém vivo o grande desafio que é continuar a avançar. É esse desafio que mantém a Polissema fiel ao seu propósito de ser um campo aberto às novidades da investigação, que, num mundo que funciona a alta velocidade e que aposta em testar até ao limite as capacidades da comunicação, se desdobra em vertentes cada vez mais inesperadas e frutuosas. E, por isso, o lançamento de um volume da Polissema traz já consigo a promessa do seguinte.

Este número 17 da revista é, contudo, marcado por um tom especial. Cada uma das suas páginas nos faz lembrar, comovidamente, a força confiante e impulsionadora daquela que, antes de nós, idealizou e dirigiu a construção da Polissema e que nos lançou o repto, assustador, na altura, mas depois tão entusiasmante, de prosseguirmos o seu trabalho. Foi a Doutora Dalila Lopes, a Dalila, que nos impulsionou a acreditarmos que a Polissema é possível, ano após ano. Hoje, só podemos estar gratas por essa sua ousadia e acreditar termos sido dignas da sua confiança.

Saudações polissémicas da Comissão Científica da Polissema,
Luísa Benvinda Álvares
Ana Paula Afonso

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio da Presidência do ISCAP, da Presidência do IPP e do Banco Santander

Totta

IN MEMORIAM

Sentamo-nos, concentramo-nos, tentamos analisar palavras, frases, textos, escolhemos grelhas de análise, recorremos a regras, produzimos constructos, seguimos ou criamos teorias, e quando, ufanos, julgamos estar tu-cá-tu-lá com o nosso objecto de estudo, eis que ele se esquiva em jeito despercebido, deixando-nos a sensação de que provavelmente não conseguimos agarrar aquilo que era realmente importante.

Dalila Lopes

(do “Editorial”, *Polissema* n.º 5, 2005)

Descrever quem partiu cedo demais é doloroso. Trinta e três anos de amizade também não são fáceis de resumir. Neste penoso processo de luto, feita a exegese dos bons momentos e a excisão dos menos bons, fica-me a imagem de uma formidável inteligência e uma capacidade única de se concentrar no essencial e descartar o acessório. Esta era a Dalila Lopes, colega, amiga, confidente.

Entre lágrimas e risos, vêm-me à memória os fins de tarde no gabinete do Conselho Científico, denso do (ainda permitido) fumo de cigarro, debatendo assuntos sérios e coscuvilhando em roda livre com os amigos Veiga Pereira, Alberto Couto e Fernando Magalhães; os telefonemas, serão adentro, em dia de eleições, ora feliz, ora indignada, consoante os humores dos eleitores; as intermináveis reuniões, que liderava com mestria e diplomacia.

Recordo, da Dalila, as coisas grandes e as minudências – o carinho pela família e o sempre impecável penteado; o rigor científico e a predilecção por bolo de chocolate; o amor pela linguagem e literatura e a aversão à chuva; a paixão pela política e a cuidada *manicure*. Tudo me faz falta, que a memória, sendo consolo, não se compara à presença.

Até sempre.

Cristina Pinto da Silva